

# internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

## Lula e Xi Jinping assinam acordos em 37 áreas

Líder chinês disse que os países estão juntos na busca de desenvolvimento

### / RELAÇÕES INTERNACIONAIS

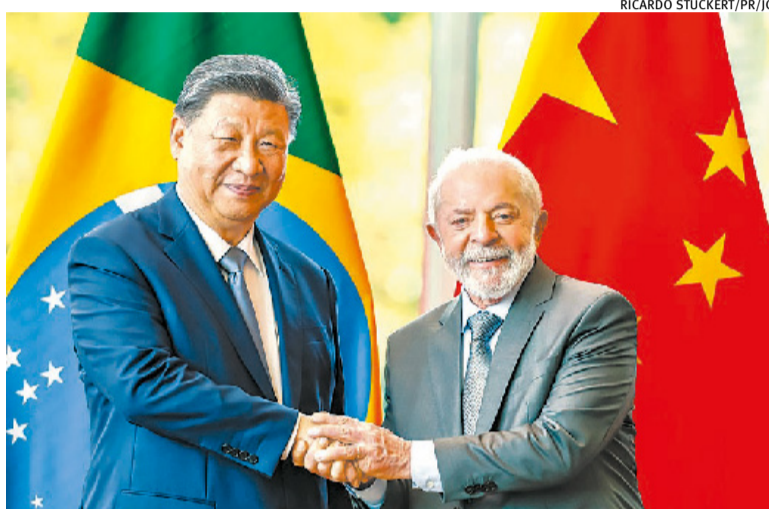
O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse ontem, durante visita do líder da China, Xi Jinping, que os dois países colocam o diálogo em primeiro lugar num mundo de conflitos. O dirigente chinês, por sua vez, defendeu “verdadeiro multilateralismo” e disse que Brasil e China vão estar juntos na busca de desenvolvimento, ao invés de confrontação e hegemonia.

As declarações foram feitas durante pronunciamento à imprensa no Palácio da Alvorada, após assinatura de acordos. “Em mundo de conflitos armados e tensões geopolíticas, China e Brasil colocam a paz, a diplomacia e o diálogo em primeiro lugar”, disse Lula.

Em seguida, Xi Jinping afirmou que “a China está disposta a trabalhar com o Brasil para substanciar constantemente a comunidade de futuro compartilhado China-Brasil e defender firmemente o verdadeiro multilateralismo.”

Em sua fala, Jinping afirmou ainda que o mundo está “longe de ser tranquilo” e destacou comércio entre os dois. Lula, por sua vez, destacou sobretudo as relações de comércio, e disse que a parceria “excederá expectativas”. Apesar das pressões chinesas nos últimos meses, o governo brasileiro não declarou adesão formal à Nova Rota da Seda - guarda-chuva de projetos de investimentos chineses.

Apesar disso, os dois líderes assinaram uma série de acordos, ressaltando, como as duas partes vinham dizendo em declarações sobre o assunto, “sinergias das es-



Jinping foi recebido pelo presidente brasileiro ontem em Brasília

tratégias de desenvolvimento” dos dois países -incluindo a Nova Rota da Seda, pelo lado chinês, e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) brasileiro.

Foram assinados 37 documentos, que tratam da abertura de mercado para produtos agrícolas, intercâmbio educacional, cooperação tecnológica, comércio e investimentos, infraestrutura, indústria energia, mineração, finanças, comunicações, desenvolvimento sustentável, turismo, esportes, saúde e cultura.

O ingresso brasileiro formal na Nova Rota da Seda seria uma sinalização política negativa aos EUA, rival geopolítico da China e que terá na Casa Branca a partir de janeiro Donald Trump, favorável a sanções e tarifas para isolar Pequim do mercado global.

Os dois líderes falaram a respeito de conflitos mundiais. Jinping afirmou que vinha enfatizando que “não existe solução simples para assuntos complexos”

ao falar sobre Ucrânia. Ele afirmou que China e Brasil tinham entendimentos comuns sobre uma solução política para o conflito.

O líder chinês mencionou ainda a guerra na Faixa de Gaza, dizendo que se preocupa com a situação na região e que a comunidade internacional precisa se empenhar mais para solucionar o conflito. “Para resolver a crise atual é preciso focar na Palestina, que é a causa raiz”, disse, citando a solução de dois Estados para a região.

A questão é cara ao presidente Lula, que tem defendido um cessar-fogo na Faixa de Gaza e entrou em rota de colisão com Israel desde o início do conflito, inclusive sendo declarado “persona non grata” no país. O brasileiro, no entanto, não mencionou a situação no Oriente Médio durante sua declaração.

Xi ainda teve um jantar em sua homenagem no Palácio do Itamaraty, no fim do dia, com convidados do governo, empresários e representantes da sociedade civil.

## Brasil passa gestão do G20 para África do Sul, com desejo de manter legado

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) entregou simbolicamente na última terça-feira a presidência do G20 para a África do Sul, em uma cerimônia no Rio de Janeiro, que também marcou o encerramento da cúpula de chefes de Estado. Oficialmente, os sul-africanos assumem no dia 1º de dezembro.

Na passagem de bastão, Lula fez um balanço das atividades no Brasil e desejou sucesso ao presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, ressaltando no discurso os laços históricos entre a América Latina e a África. “Depois da presidência sul-africana, todos os países do G20 terão exercido pelo menos uma vez a liderança do grupo. Será um momento propício para avaliar o papel que desempenhamos até agora e como devemos atuar daqui em diante. Temos a responsabilidade de fazer o melhor”, disse.

Após 12 meses de reuniões téc-

nicas e ministeriais, que culminou nos dois dias de encontros, o Brasil avalia que conseguiu emplacar sua agenda e deixou algumas marcas no bloco. A expectativa do governo Lula é que as contribuições brasileiras sejam levadas adiante, considerando que, em 2026, a presidência rotativa do bloco ficará nas mãos dos EUA, de Donald Trump.

O bloco chegou ao seu evento final ainda dividido nas negociações para o comunicado final. Os principais pontos de discordância eram as guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza. Além disso, havia uma ofensiva argentina contra a pauta mais progressistas, em particular a menção à igualdade de gênero e empoderamento feminino. Os delegados, orientados pelo presidente ultraliberal Javier Milei, se opunham inicialmente à menção à proposta de taxação dos super-ricos, mas no fim acabou assinando.

## EUA reconhecem Edmundo González presidente eleito da Venezuela

O secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken, de saída do cargo após a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais, afirmou que Washington reconhece a vitória de Edmundo González no pleito da Venezuela, ocorrida em julho. González foi o adversário do ditador Nicolás Maduro, proclamado vencedor pelo órgão eleitoral venezuelano, controlado pelo chavismo. Diplomata aposentado, ele saiu do anonimato ao ser ungido candidato da oposição após o regime ter inabilitado María Corina Machado, principal figura da oposição.

Em uma publicação no X, Blinken disse que “o povo venezuelano falou firmemente no dia 28 de julho e escolheu Edmundo

González como presidente. A democracia exige respeito à vontade dos eleitores”.

Até aqui, Washington, como o Brasil, havia se recusado a reconhecer a vitória de Maduro, mas não tinha dito oficialmente que González era o presidente eleito -em agosto, entretanto, tomou um passo nesse sentido ao dizer que o opositor havia vencido a eleição. Essa é a segunda vez que os EUA reconhecem um poder paralelo no país - o primeiro governo Trump disse em janeiro de 2019 que Juan Guaidó era o líder legítimo do país.

De acordo com os documentos tornados públicos, González teria vencido a eleição presidencial com mais 67% dos votos, contra 30% de Maduro.

## Ucrânia usa míssil do Reino Unido em novo ataque contra a Rússia

### / GUERRA DA UCRÂNIA

Pela primeira vez desde o início da guerra em 2022, a Ucrânia usou mísseis de longo alcance fornecidos pelo Reino Unido para atacar a Rússia em seu próprio território. As forças armadas ucranianas dispararam mísseis britânicos conhecidos como Storm Shadow contra alvos militares em território russo. Fragmentos de um Storm Shadow foram encontrados, ontem, na aldeia de Marino Kursk, segundo

a mídia russa. Não há relatos de mortos e feridos.

Kiev já havia atacado uma base militar em Bryansk com mísseis americanos ATACMS, na terça-feira, após aval do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. A permissão dos países que apoiam a Ucrânia para o uso de mísseis de longo alcance é uma resposta ao envio de tropas militares da Coreia do Norte para apoiar a Rússia no conflito.

O Storm Shadow, enviado pelo Reino Unido à Ucrânia, é um

míssil que pode alcançar até 250 km e viajar próximo à velocidade do som. Até então, o Reino Unido e os EUA haviam permitido que Kiev usasse esse tipo de míssil contra a Rússia para se defender dentro do próprio território. A autorização para usá-los também em solo russo marca uma escalada no conflito.

Rússia prometeu uma “resposta adequada” após Kiev usar os mísseis americanos em seu território. Até o momento, o presidente Vladimir Putin não se ma-

nifestou sobre o uso dos mísseis britânicos e norte-americanos.

Guerra se encaminha para “uma nova fase”, afirmou o chefe da diplomacia russa, Sergei Lavrov. “Consideraremos isto como uma nova fase na guerra ocidental contra a Rússia e reagiremos em conformidade”, disse ele à imprensa à margem da cúpula do G20 no Rio de Janeiro.

Lavrov afirma que Kiev não tem capacidade de usar esse armamento de precisão “sem a ajuda de especialistas e instrutores

americanos”. Para o Kremlin a utilização destes armamentos representava uma linha vermelha a não ser ultrapassada. Em setembro, Vladimir Putin advertiu que se o uso de mísseis ocidentais de longo alcance pela Ucrânia contra o território russo, sinalizaria que “os países da OTAN estariam em guerra com a Rússia”.

Oficialmente, Moscou tem feito ameaças sobre a possibilidade de usar armas nucleares no conflito, o que não ocorreu até o momento.